

A VIDA LONGA DOS VERMES
[amostra de páginas iniciais]

Paulo Santoro

Para um ser que pudesse viver mil anos, o mundo talvez se apresentasse como algo menos absurdo do que para nós.

Ernesto Sábato

E mesmo que alguém vivesse duas vezes mil anos, não veria a felicidade; não vão todos para o mesmo lugar?

Eclesiastes

Prólogo

A porta aberta trazia para fora da casa uma mistura de vozes. Às vezes se ouvia, no meio do murmúrio, uma cadência de palmas. Malas enormes empilhavam-se no alpendre.

O menino havia se recusado a participar daquilo e esperava cabisbaixo, sentado na calçada, as perninhas estendidas. Olhava para as residências vizinhas, onde moravam seus amigos. Seu coração sentiu alguma ternura até pelo mais indócil daqueles moleques.

O ruído lá de dentro cessou e os convidados começaram a sair pela porta da frente. Alguns vinham com os olhos vermelhos, mas a maioria apenas suportava as feições severas. Dois deles abaixaram-se para afagar o menino, que se encolhia defensivamente. Os que vieram em seguida já não o incomodaram: foram todos caminhando, subindo ou descendo a calçada, enquanto aparecia, detrás do portão baixo da casa em frente, uma menina contemplativa.

Ela atravessou a rua com muita serenidade, aproximou-se e se ajeitou no chão, perto dele, que simuladamente relaxou os músculos do rosto vermelho.

— Estava chorando?

— Não — ele respondeu depressa.

— Volta para visitar a gente?

A resposta demorou bastante tempo, mas a menina esperou até ouvi-la:

— Nunca mais.

— Por quê?

— Porque a gente não pode. A gente tem que viajar para longe e não voltar mais.

Ela não perguntou mais nada. Seus lábios tremeram, a fala cativa. Apenas ficou. Quando percebeu que vinha alguém lá de dentro, achou melhor se despedir:

— Vou sentir sua falta. Mamãe também. Se conseguir, venha um dia.

O homem que apareceu do interior da casa esperou a vizinha cruzar de volta a rua. Respirou para conter certa agitação e olhou o garoto bem do alto. Em

seguida agachou-se desastradamente, como se ainda pensasse ser criança, para sentar-se de forma torta a seu lado, as pernas grandalhonas mal esticadas, sem o jeito de menino.

— Meu querido, você já tem condições de entender tudo isso. Nós somos diferentes. Você ainda não, mas eu, sua mãe, seu avô, nós não podemos continuar. A situação vai ficando difícil. Já faz mais de dez anos que moramos aqui...

O menino sacudiu a cabeça com impaciência, demonstrando que conhecia bem a explicação.

— Você acha que não terá novos amigos lá também? — continuou o pai.

— Não tenho muitos amigos nem aqui.

— Mentira. Claro que tem.

— Não são legais comigo.

— Você só é um pouco mais sensível e pensa que não. Molecada é desse jeito, um fica aprontando com o outro, mas no fim são sempre amigos.

— Eu sei — experimentou com diplomacia. — Eu me viro.

— Sabia de uma coisa? Lá você vai ter colegas como nós. Você não vai precisar se separar deles.

— Eu não estou triste porque vou me separar do pessoal aqui da rua.

— Então está triste por quê?

— Porque eu sei que eles todos vão morrer tão jovens...

Capítulo 1

Os seres humanos desejam viver por muito tempo. Se essa meta lhes parece vaga, satisfazem-se se puderem saber que ainda estarão vivos amanhã.

Os pesquisadores da longevidade são esses caçadores de futuros, francoatiradores da ciência que espreitam a velhice como o pior inimigo. Seu trabalho é árduo, pode ironicamente consumir mais do que uma existência inteira, mas a natureza dessa conquista poderia transformar o mundo para sempre.

Apesar dessa perspectiva extraordinária, era na verdade entediante a rotina do jovem cientista Bruno Boden.

Desde que ele se formara no bacharelado e iniciara na pós-graduação, sua sensação era a de que não dera nenhum passo em direção ao seu sonho. Suas atividades no laboratório da Universidade de São Paulo eram desempenhadas com uma precisão que poderia ser confundida com uma evidência de entusiasmo, mas o notável capricho de Boden era apenas um detalhe de seu temperamento que não tornava os dias mais rápidos.

Apesar do digno senso de responsabilidade, Boden não havia alienado sua consciência e sentia que a privação da vida social não compensava o enfado do trabalho. Pensava em interromper a carreira assim que obtivesse o título.

Faria alguma falta à Academia? Provavelmente não. A ciência é um ofício mais de cotidiano do que de centelha: pode limitar o latinista a infinitas cópias, enredar o matemático numa demonstração impossível, relegar o sismólogo a uma calmaria de décadas.

No passado, sim, havia inventores criativos, homens tão diferentes como Charles Darwin ou Nikola Tesla, trazendo à existência ideias ou objetos revolucionários, que dividiam as águas da história da humanidade.

Porém, nascido talvez em época tardia, Boden via sua atividade científica como a do operário vivido por Chaplin em *Tempos modernos*: a esteira passa e você aperta parafusos, sempre os mesmos parafusos em placas idênticas.

Na universidade, Boden preenchia intermináveis tabelas com números. Ele às vezes precisava, por exemplo, medir um a um os vermes com os quais trabalhava, e marcar numa planilha os algarismos repetitivos. Ou então contar quantos minutos cada um levava para reagir à ação de determinada substância. E, depois, de outra substância. E depois de outra, e de outra, e por fim da trigésima ou quadragésima substância.

Em momentos de náusea, discutia consigo e se humilhava, argumentando que “um macaco” seria capaz de fazer seu trabalho.

Na sobriedade seguinte, lembrava-se de que isso não era verdade. Ele havia estudado, havia sido cuidadosamente treinado para organizar e efetivar aquelas experiências.

Treinado? Como um macaco?

Sua orientadora planejava agitadamente seu futuro, previa linhas para o doutorado, até já organizava papéis e sondava as fundações de apoio à pesquisa. Sabia que o pupilo era mais talhado para os processos de inovação, na indústria. Mas sem o doutorado não. Chateação primeiro, exaltação depois.

— Sem doutorado, nem café no quiosque você serve.

Mas Boden não estava desinformado. Na indústria ele seria, ainda — ou ainda mais —, uma pequena peça.

“Fale o nome de um inventor”, ele pedia a conhecidos e desconhecidos. Todos citavam Graham Bell, Benjamin Franklin, Santos Dumont. Nomes sepultados pelo menos um século antes. Sua alegria era alguém lembrar o magnífico *Sir* Alexander von Fleming, pai dos antibióticos, seu herói, o verdadeiro Salvador para o agnóstico consciente.

Mesmo assim, também um pensador já de um tempo passado.

Agora, o criador é o processo industrial disforme. É o gerente de marketing elaborando produtos destinados a públicos-alvos, vagamente baseados nos avanços milimétricos propostos pelos cientistas, que batem o ponto para preencher uma multidão de tabelas entre uma merenda e outra.

Como, apesar de todo o desânimo, ele demorou para desistir, a Ciência deu a Boden o lucro inesperado que alteraria seu rumo.

A paixão por Fleming podia ser merecida, mas omitia o fato relativamente vergonhoso de que a penicilina havia sido descoberta por acaso.

Fleming tinha dedicado anos em busca de eficientes agentes antibacterianos, mas foi uma série de coincidências e até de descuidos que permitiu que uma placa de estafilococos de seu laboratório se contaminasse com o fungo *Penicilium*, e foi de infeliz providência que o célebre escocês tenha percebido um halo na cultura indesejada no momento em que ele estava prestes a mergulhar a placa na bandeja de esterilização.

Foi numa segunda-feira que Boden teria seu dia de Fleming.

Na sexta anterior, antes de deixar o laboratório cansado pela longa semana, cometera um pequeno erro ao descartar um dos conjuntos de vermes do seu estudo. Estavam já mortos da velhice brevíssima dos vermes. Uma negligência ao microscópio o fez ignorar duas dúzias de espécimes grudados no fundo da vasilha, inertes, cujos corpos foram temporariamente salvos do funeral comum aos pobres vermes de laboratório.

A semana começou, e Boden foi encontrá-los intactos no recipiente. Ao preparar para iniciar sua limpeza, detectou um aspecto estranho em um dos organismos. Recolheu-os para investigar melhor e, ao manipulá-los por um instante, viu que o estímulo de algum modo os revivera!

Não havendo ressurreição no universo secular, Boden desconfiou de qualquer outro fenômeno. Todos os poucos vermes remanescentes foram reagindo e voltando à existência.

Ele estava trabalhando com um grupo selecionado para um tempo ínfimo de vida: não passavam de três dias. O prazo daquelas criaturas havia terminado na sexta, a experiência então realizada não parecia ter tido sucesso algum, e no entanto elas estavam agora em movimento, com seis dias de vida. Eram como um ser humano de 160 anos.

Recuperando suas anotações, Boden observou que aquelas amostras eram do experimento de número 1415. No mundo inteiro, centenas ou milhares de outros colegas com o mesmo *status* também vinham fazendo experiências análogas, com

substâncias e procedimentos os mais diversos. Eram milhões e milhões de apostas, mas o bilhete premiado havia caído em suas mãos.

O primeiro passo de Boden foi, obviamente, sair do planejamento básico para tentar replicar aquele efeito. Desenvolveu novas amostras no criadouro e repisou os passos do caderno. Em dez dias a população de vermes do laboratório explodiu. Quase nenhum morria. Muitos já se mantinham, em tempo de vida, como se fossem homens de quatrocentos anos.

Testes preliminares *in vitro* com a aplicação de células humanas confirmaram por fim a sua empolgação. Apesar de ainda ter lhe restado a necessidade de desenvolver uma substância definitiva para a criatura racional do planeta, era muito provável que a descoberta funcionasse para dar-lhe os desejados séculos de longevidade.

Boden não comunicou nada a sua orientadora. Estava de posse de uma informação especial, que ele não desejava ver banalizada pela burocracia da ciência contemporânea. Aquilo valia mais que uma publicação na *Science* que recebesse cem mil citações.

Até mesmo de seu amigo Dinarte, com quem conversava diariamente por *chat*, ele guardara segredo antes de conhecer melhor a extensão da descoberta. Queria fazer uma alegria maior a seu velho camarada, no momento a trezentos quilômetros de distância, lá em sua cidade natal.

Capítulo 2

A atmosfera ligeiramente degradada do centro de Ribeirão Preto sugere uma metrópole muito mais populosa. Mas o caos do calçadão de repente deságua em quarteirões sossegados e até floridos, esconderijo de viúvas resistentes à verticalização.

Quando seus habitantes, à noite, se resguardam na intimidade de suas residências, parece tornar-se uma cidade-fantasma. Ainda de dia, porém, eles preenchem as alamedas em busca de negócios, compras e refrescos para o calor constante.

Naquele fim de tarde, longe de casa, Dinarte vinha pela multidão com a carteira quase vazia, sem merecer a graça de um refresco, o luxo de fazer compras e, muito menos, o poder de negociar o que quer que fosse. Procurava, sim, um modo de fazer dinheiro. Podia até ser um emprego.

Ao virar uma esquina larga, saindo de um calçadão infestado de pedestres para entrar numa via mais teimosamente discreta, viu surgir alvoroçado, de trás de uma árvore bastante sombreira, um pequeno moleque magrelo, que agitava uma faca.

— Que foi, menino? — Dinarte assustou-se.

O garoto recuou o corpo, mas estendeu o braço que ameaçava. Grunhiu uma frase em que mal se discernia a palavra “carteira”.

Dinarte ouviu bem, e encarou aquela arma pobre com toda uma decepção. Também julgou faltar convicção na agressividade espalhafatosa do mini-assaltante. Sua fragilidade não impunha nenhuma urgência à vítima, que podia se evadir facilmente do ataque. Em vez de fazer isso, Dinarte, com um suspiro articulado, pôs a mão direita no bolso da calça.

— Está certo — disse ao menino. — Eu compro a sua faca. Quanto é?

O pequeno ladrão nunca tinha pensado em negociar aquele objeto altamente depreciado. A madeira do cabo estava quase toda consumida, e prendia-se à lâmina por meio de uma gambiarra torta. Não que ele não possuísse outra. Esta tinha uma

ponta perigosa e um fio razoável. O imprevisto do *design* — a brutalidade que esse imprevisto agregava nela — talvez auxiliasse na sujeição da vítima. Mas vendê-la nunca havia sido uma expectativa palpável.

Dinarte, a carteira na mão, aguardava a decisão do garoto.

— Não importa — ele mesmo resolveu. — Eu tenho dez reais na carteira, é tudo o que eu posso lhe dar pela faca.

O assaltante apanhou a nota vermelha de Dinarte e a amassou na palma da mão até que desaparecesse. Depois, com uma dramaticidade inesperada, fincou a lâmina de sua arma no tronco da árvore enorme. Dinarte riu. Sem ainda se aproximar para resgatar sua mercadoria, perguntou se o menino tinha outra.

— Outra faca? Eu tenho. Melhor do que essa.

— Então me traga amanhã. Pago quinze reais por ela. Mas ponha numa caixinha. Se você ficar andando com ela na mão, podem pensar que é um bandido!

O menino sumiu depressa pelo calçadão, enquanto Dinarte puxava a faca da árvore e a empunhava com certa repugnância. De todo modo guardou-a no bolso, como um troféu: estava exultante de orgulho por sua conduta. Ao transformar um ladrão em comerciante, havia contribuído para a diminuição da criminalidade do município.

Por outro lado, dez reais — equivalente a cem por cento de sua riqueza naquela tarde — por um instrumento inutilizável não tinha sido uma barganha da qual se vangloriar. A carteira estava vazia agora. O bilhete de ônibus salvava seu retorno para casa, mas o que fazer com a melancolia que reencontraria mais tarde no seu lar endividado?

Pensou em poupar o bilhete para outro dia, mas estava muito cansado e a caminhada seria longa demais. Entrou no ônibus, arrependeu-se assim que passou o bilhete pela catraca. Devia ter ido a pé.

O jantar em sua casa sucedia-se em vários turnos e espaços. Sua mãe requentava o almoço bem cedo e comia ouvindo programas sangrentos no rádio da cozinha. O pai aparecia depois de o céu escurecer, ainda com a roupa suja de auxiliar de mecânico, e acendia o fogo de novo para fazer sua refeição praticamente de pé, ainda sem ter tomado banho. Demerval, o irmão mais velho que tinha somente uma

perna e meia, passava quase todo o tempo jogando videogame e, de noite, recebia um prato morno no sofá da saleta e jantava diante da televisão.

Dinarte chegava mais tarde do que todos, em geral sem fome. Livrava-se dos apelos da mãe e corria para a internet.

Não havia penúria na família, mas quando Dinarte baixava os extratos do *site* do banco entrava no sangue o temor de dias muito mais difíceis. Era a dívida: os juros dos sucessivos empréstimos feitos no passado praticamente dobravam a necessidade de renda mensal. Demerval precisaria fazer algo útil, mas resistia a isso, inválido que só pensava em joguinhos, séries de TV e meninas inatingíveis. A mãe tentava fazer uns bolos para fora, mas era pouco requisitada. Ele, além da busca por emprego, ficava às voltas com o advogado para tentar apressar uma indenização que resolveria seus problemas.

Terminada sua obrigação com os números vermelhos, Dinarte alternou de janela, e a lista de amigos *on-line* mostrava Boden em destaque.

Dinarte: Opa! Fiz hoje um negócio diferente|

BBoden: Ganhou dinheiro?|

Dinarte: Engraçadinho|

BBoden: Tenho uma coisa especial para contar também. Desculpe, mas a sua novidade não pode ganhar da minha. A menos que você tenha conversado com um ET de verdade. Aí dava empate|

Amigos de infância, desde que Boden tentara apartar Dinarte de uma luta de moleques, o briguento havia crescido à sombra da grandeza irretocável do outro. Dinarte conservava uma inveja cautelosa: para cada brilho de Boden, ele entendia existir alguma correspondente luz própria, inconsciente ou potencial. Não podia haver um ser humano sem um merecimento particular, sem qualquer singularidade que o fizesse de algum modo divino, ainda que somente para si mesmo.

Boden tinha uma carreira, tinha o sucesso do mérito oficial, sua vida era um programa sem falhas. Mas Dinarte, de trajetória inexpressiva no mundo dos títulos rubricados, era o que acumulava amigos e colegas, o que improvisava nas

circunstâncias adversas, o que tinha visões alternativas — ideias e projetos que poderiam em breve levá-lo a um nível tão alto quanto o do amigo, ou ainda muito maior.

Por enquanto somente guardava dívidas, e nenhum de seus planos ia além da curva da estrada.

Dinarte: Então deixa pra lá. Se eu disser que gastei 10 reais para comprar uma faca em petição de miséria, você vai rir. Mas eu sei por que fiz isso|

BBoden: Eu não me espanto. Você sempre sabe. É a lógica ribeirão-pretana|

Dinarte: Você não nasceu aqui, né?|

BBoden: Eu me sinto um paulistano já|

Dinarte: Mas então conte sua novidade tão bombástica|

BBoden: Uma palavra: longevidade|

Dinarte: Mais palavras...|

BBoden: Fiz uma descoberta. Um procedimento que multiplica em pelo menos 5 vezes a vida dos vermes!|

Dinarte: Que bom para os vermes|

BBoden: Não quer imaginar como seria sua vida aos 400 anos de idade?|

Dinarte: Minha vida? E minha dívida? Imagine 400 anos de juros compostos!|

BBoden: ☺|

Dinarte: Parece realmente algo incrível, porque outro dia você estava falando de abandonar a pós e voltar para Ribeirão.|

BBoden: Na verdade todo aluno pensa em abandonar a pós e voltar para casa|

Dinarte: Não desconversa, Bruno. Mesmo se não vai sair da pós, podia pelo menos dar uma passadinha por aqui. Faz tempo que a gente não se vê|

BBoden: Mas agora tudo mudou mesmo. Vai ser difícil acreditarem numa descoberta como essa vinda do Hemisfério Sul. Ah, se eu fosse americano...|

Dinarte: Sendo brasileiro, não dá pra ganhar dinheiro com a descoberta?|

BBoden: Dinheiro é pouco para o que eu tenho aqui|